



CRÓNICA

CÁ POR MIM

Alice Vieira



AS SAUDADES DA CASA

E de repente a casa voltou a ficar silenciosa.

De um momento para o outro, os objectos regressaram todos ao seu lugar habitual, o piano fechou-se, deixou de haver sapatos largados pelo meio da casa de banho e dos quartos, acabaram-se as risadas à meia-noite ("meninos! Já deviam estar a dormir há que horas!"), o frigorífico readquiriu o seu ritmo pacato e parou de ser esvaziado de cinco em cinco minutos, a despena retomou o seu ar honesto e saudável, sem pacotes de batatas fritas nem garrafas de Coca-Cola, os livros de histórias encontraram de novo o seu lugar na estante, o "Family Guy" e as "Mentes Criminosas" desapareceram dos serões televisivos. E a casa voltou ao que era, antes de os netos todos terem chegado para se apoderarem dela durante um mês inteiro.

Olho para os quartos, para a cozinha, para o corredor - e acho que a casa se deve ter sentido muito bem. Durante este mês, ela deve ter pensado que tinha finalmente regressado ao antigamente da nossa vida, quando havia sempre gente a chegar e gente a partir, e a voz do meu filho, pequenino, a perguntar logo de manhã ao meu ouvido "mãe, temos hóspedes?"

A seguir ao 25 de Abril de 1974, o ritmo da casa serenou.

Quer dizer: a casa ficou, a partir dessa altura, a pertencer menos aos adultos e mais às crianças - e raro era o dia de anos em que, no fim da festa, eu não tivesse de ligar aos pais, a pedir que os deixassem cá ficar a dormir. (Aqui tenho de partilhar a responsabilidade com o meu marido, que inventava grutas de lobos na sala, fazia jogos de futebol no corredor - acabando toda a gente a desenhar ou a escrever o que lhe passasse pela cabeça numa parede que havia reservada para isso mesmo, no quarto do meu filho. (Lavada e pintada desde que o meu filho foi para universidade, é agora uma parede igual às outras...)

A Ana Rita ficou célebre até hoje (em que já deve ser mãe de filhos crescidos...) por cá ter dormido quase uma semana, até que foi preciso o pai vir pôr ordem naquilo e arrastá-la de cá por um braço... Quase todos os anos encontro a tia na Feira do Livro, e recordamos sempre essa odisseia.

Mas antes de 1974, os tempos eram difíceis, e raro era o dia em que não nos batiam à porta amigos que precisavam de cá ficar uma noite, duas noites, sabiam lá eles e nós quantas noites. Às vezes partiam de manhã cedo, e nunca mais tínhamos notícias deles.

O quarto do fundo estava sempre disponível (lembras-te, Rogério? Lembras-te, Isabel? Lembras-te, Daniel? Lembras-te, Armindo? e por aí fora...) e, quando não estava, havia sempre uma cama vaga, ou chão livre para nele se estenderem colchões-camas. Uma noite, o Armando bateu à nossa porta.

Eu nunca tinha visto o Armando. Conhecia-o apenas dos textos que ele mandava para o suplemento "Juvenil" do jornal *Diário de Lisboa*, onde eu trabalhava.

Quer dizer: do Armando, as únicas coisas que eu sabia era que escrevia muito bem, e que vivia nos Carvalhos, perto do Porto.

Ele à porta e eu sem saber quem era aquele que, em hora tão pouco apropriada, me batia ao ferrolho. Ele, "sou o Armando", e eu só a pensar "pelo amor de Deus, vai-te embora, vai-te embora!", e ele, coitado, só a repetir o nome e a dizer "desculpa, mas preciso de cá ficar esta noite!" - e a olhar para mim, estranhando certamente o ar de poucos (de nenhuns...) amigos que via na minha cara, caramba!, nem um sorriso, nem um "entra amigo, a casa é tua!", nada. O Armando a olhar para mim, e eu, apoiada à ombreira da porta, só a respirar fundo, a respirar muito fundo, a respirar fundíssimo.

Afastei-me e fiz-lhe o sinal que entrasse.

Ele entrou, e ali ficou, com um saco aos pés, esperando que eu dissesse alguma coisa.

Passados alguns minutos, e depois de ter novamente respirado muito fundo, apontei-lhe o armário que ficava mesmo no fim do corredor:

- Sabes fazer uma cama, não sabes?

Ele acenou que sim.

- Então olha, os lençóis estão ali, o cobertor também, faz a cama onde quiseres, fica o tempo que quiseres, sai quando quiseres, toma lá a chave - que eu tenho de ir já para a maternidade!

A minha filha nascia horas depois.

Acho que o Armando nunca chegou a conhecê-la - mas, durante anos a fio, nunca se esqueceu de lhe mandar os parabéns.

Hoje, nestes dias de calma finalmente recuperada, olho para a casa e acho que era de tudo isto que ela tinha saudades.

